

ANNO VI
NUMERO 142



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART



A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

HAMBURGO — PORTO — LISBOA
ANTUERPIA — PORTO — LISBOA
LONDRES — PORTO — LISBOA
LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo.**

LA PARISIENNE
 A CONSAGRÉ

LES
PIANOS
 PARIS

ABORD

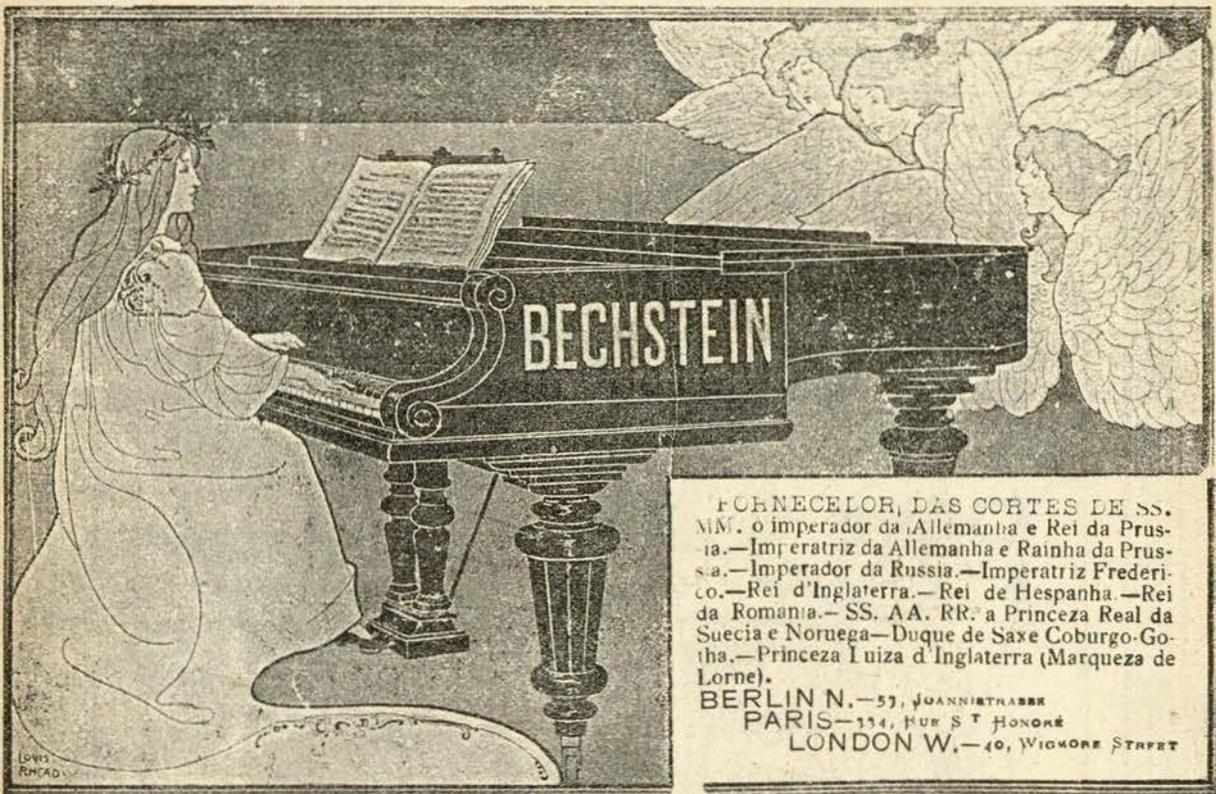
14 bis BOUL' POISSONNIERE

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual	3:000 pianos
Produção até hoje	100:000 "

Exposição Universal de Paris (1900)
 Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA



FORNECEDOR, DAS CORTES DE SS. MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Romania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega.—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

BERLIN N.—57, JOANNISTRASSE
PARIS—354, RUE S^T HONORÉ
LONDON W.—40, WIGMORE STREET

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Séde: **Rua do Alecrim, 17**

(Junto ao Caes do Sodré)

Cursos nocturnos

As aulas abrem a 1 de outubro e fecham a 31 de julho.

A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para ali se azer exame e cursos da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos.

PROFESSORES

*D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães, Marcos Garin,
Carlos Gonçalves, Julio Cardona,
Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro, Wenceslau Pinto,
Rodrigues Beraud e Pedro José Ferreira*

Concertos de musica nacional por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 E 49

Proprietario e Director

LISEOA

[Editor

Mich:l'angelo Lambertini

Rua da Assumpção, 18 a 24

Antonio Gil Cardoso

SUMMARIO :—Santa Cecilia. — Fabricantes de instrumentos de musica, = Concertos. = D. Julia dos Anjos Carreira. — Criticas litterarias. = Noticiario.



SANTA CECILIA

SANTA CECILIA

(22 de novembro)

Esboçamos o anno passado os principaes traços da vida d'esta gloriosa martyr do christianismo, proclamada pelos theologos Rainha da harmonia e pelos musicos considerada a sua doce inspiradora e divina padroeira.

Não vem fóra de proposito reproduzir aqui algumas notas historicas acerca do culto que em Portugal se votou á Santa e da confraria organizada para o desenvolvimento d'esse culto e que foi a primeira associação de musicos que entre nós existiu.

E' o Diccionario biographico de musicos portuguezes que nos vae servir de guia e norma. E na verdade em parte alguma, a não ser no erudito livro do professor Ernesto Vieira, se podem colher mais seguras informações historicas acerca da nossa musica, deduzidas com tão rara clareza e honestidade, que os historiographos de todos os paizes ali vão beber a todo o passo, sem receio d'erro ou exagero.

Assim não hesitamos em transcrever alguns periodos d'esta bella obra, que nos darão succintamente a ideia do que foi, desde a sua fundação, a confraria dos musicos, sob o patronato da purissima Cecilia — a virgem-martyr.

Estabeleceu-se esta confraria primitivamente na igreja do Espirito Santo da Pedreira, que ficava exactamente no sitio em que actualmente existe o palacio Ouguelia, ao Chiado.

O seu primeiro compromisso, extraviado por occasião do terramoto, tinha a data de 1603. Existe um documento que a elle se refere, feito em 1803 e copiado de um outro datado de 22 de maio de 1755 e portanto anterior ao terramoto.

Diz nos esse documento que o primitivo compromisso mandava que de cada festa que houvesse em Lisboa e seu termo se pagasse um cruzado para a Irmandade; em 1701 requereram os irmãos a redução d'esse imposto á quarta parte e no anno seguinte lavraram um termo por todos assignado, em que se obrigavam a pagar, por cada festividade que se realisasse, o chamado *tostão da santa*.

Em 1688, ou pouco antes, tinha-se transferido a irmandade da igreja do Espirito Santo da Pedreira para a de Santa Justa, obrigando-se a pagar 600 réis de fôro annual. Um breve pontificio datado d'essa epoca concede indulgencias a quem em 22 de novembro visite a capella de Santa Cecilia erecta na referida igreja.

A partir d'essa epoca foi a irmandade gradualmente augmentando de importancia e de riquezas

As solemnidades religiosas, em que tomavam parte quasi todos os irmãos — que eram todos os musicos residentes em Lisboa — tinham por isso singular interesse, servindo de estimulo e exemplo para se celebrarem outras semelhantes, com o que os proprios musicos lucravam. Os principaes irmãos compositores se empenhavam em apresentar n'essas solemnidades as suas melhores obras. Ha noticia dos villancicos que se cantaram nas matinas da festa de Santa Cecilia, desde 1719 a 1723 e que foram expressamente escriptos pelo mestre de capella Francisco Antonio da Costa e Silva, por Avondano e pelo compositor hespanhol D. Jayme de la Te y Sagau.

Em 1743 veiu de Roma um relicario contendo *particulam ossibus S. Cecilia*, que conjunctamente com o respectivo certificado original, se conseguiu salvar do cataclismo de 1755.

Em 1757 e ao passo que se procedia á reconstrução da igreja de Santa Justa, transferiam os musicos a sua confraria para a igreja de S. Roque e n'ella installavam a capella da sua padroeira.

Data de 1760 um interessante alvará regio, em que D. José I exclue cathegoricamente do exercicio da arte da musica todo aquelle que não fôr professor da mesma arte e irmão da confraria de S. Cecilia.

Este documento, bem como uma provisão de identicos intuitos firmada pelo cardeal patriarcha, veem transcriptos *ipsis verbis* no Diccionario do sr. Vieira.

Em 1776 transferiram os irmãos de Santa Cecilia a sua confraria e o culto da Santa para a igreja de Santa Isabel; onze annos depois fez-se nova transferencia, e essa definitiva, para a igreja dos Martyres.

Por escriptura celebrada entre a irmandade do Santissimo d'essa freguezia e a confraria de Santa Cecilia ficou esta com a «posse perpetua de uma capella e casa de despacho com tribuna para a igreja e todas as accomodações que fossem necessarias».

Por esta cedencia pagou a irmandade de Santa Cecilia a quantia de 600\$000 réis, obrigando se além d'isso a pagar toda a despeza com o pintor para mudar o painel da capella doada, que era de Santa Catharina, substituindo-o pelo de Santa Cecilia. O pintor incumbido de fazer o novo quadro foi o celebre e fecundo Pedro Alexandrino de Carvalho, que precedentemente fizera todas as pinturas da igreja.

Estava pois installada, por uma vez e para

sempre, a sympathica irmandade. Nem sempre porém lhe correu propicia a sorte e na sua longa historia houve momentos bem difficeis e desanimadores.

Apoz varias reorganisações e sob o energico influxo de João Alberto Rodrigues da Costa, fundador tambem do Montepio Philarmonico, readquiriu o culto de Santa Cecilia em meados do seculo findo um novo esplendôr e tornaram-se imponentissimas as suas festas annuaes.

O côro da egreja dos Martyres, apesar de bastante espaçoso, teve de ser augmentado com um enorme estrado que descia em amphitheatro ao meio da nave e que foi julgado indispensavel para comportar a enorme phalange de executantes que concorriam a essas solemidades.

Não se celebravam n'aquelle tempo em Lisboa festas religiosas tão importantes como as de Santa Cecilia. Tomavam parte n'ellas não só quasi todos os artistas desde o mais classificado até ao mais modesto, mas tambem muitos dos melhores amadores; todos consideravam uma honra poder concorrer com o seu prestimo para estas festividades.

As senhoras da mais distincta sociedade tomavam parte nos coros: os cantores de S. Carlos faziam os solos.

Executaram-se obras primorosas, taes como as missas de Beethoven, de Mozart, de Cherubini e muitas outras. As melhores obras dos compositores portuguezes — Marcos de Portugal, David Perez, Bomtempo, Casimiro, Migone, Santos Pinto, Cossoul, Monteiro d'Almeida e outros — tambem ali tiveram o seu lugar.

Emfim, a festa de Santa Cecilia chegou a ser um acontecimento notavel em Lisboa.

Depois, veiu o abandono e o completo desanimo...

Em 3 de março d'este anno, graças aos esforços de alguns professores que á custa dos maiores sacrificios e incommodos se empenhavam em não deixar morrer as tradições gloriosas da Irmandade, era posto em vigor o novo e ultimo compromisso.

Tem actualmente duas classes de irmãos — os *profissionaes*, que exercem a arte musical e pertencem ao Montepio Philarmonico e os *honorarios*, que são os que por devoção religiosa e desejo de proteger a mesma arte queiram prestar culto á nossa santa padroeira e honrar a classe dos artistas.

O anno passado voltou a irmandade de Santa Cecilia a organizar na data propria, a 22 de novembro, a sua missa de festa, com elementos vocaes e instrumentaes.

Este anno, em igual data reproduziu-se esta solemidade a que tivemos o prazer de assistir, por especial e amavel convite da

mesa. Com uma orchestra de 47 executantes e um pequeno coro executou-se a missa de Eslava e credo de Francisco de Freitas Gazul, sob a regencia d'este ultimo.

A grande unidade e ponderação com que foram executados, principalmente os numeros instrumentaes, leva nos a crer que ainda se poderia organizar entre nós uma orchestra capaz de mais largos emprehendimentos.

Mas quando se não possa obter a realisacão d'esse voto, que tão repetidas vezes temos formulado, ao menos que não deixe de prestar-se á santa protectora dos musicos a homenagem annual de uma missa solemne e que todos os esforços se conjuguem para voltar ao brillantismo das passadas festas.



FABRICANTES DE INSTRUMENTOS DE MUSICA

Meu presado amigo

Segui com inalteravel interesse a serie de artigos que tem vindo publicando na *Arte Musical* sobre violeiros celebres de diversos paizes e foi com bastante magua, como succedeu ao meu amigo, que notei a diminuta, quasi insignificante contribuição da nossa patria, n'este ramo especial da musica.

A duas causas principaes se deve attribuir a lamentavel deficiencia. Diferentes na fórma, semelhantes no fundo, ambas se podem reduzir a uma só — a falta de curiosidade. Descuidaram-se os nossos antigos de biographar, ou de mencionar sequer, os constructores de instrumentos de musica e esqueceram-se igualmente de colligir os productos por elles fabricados. Póde-se affirmar, sem grave receio de offender a verdade, que só modernamente é que se despertou entre nós o amor por esses estudos.

A esterilidade, não obstante ser bem sensivel, é todavia mais apparente que real, e não nos deve tornar esmorecidos, antes nos deve incitar a que prosigamos pacientemente nas nossas investigações, pois ainda ha muito que explorar e muito veio que nem sequer foi tocado superficialmente. Os cartorios dos estabelecimentos religiosos e das capellas e irmandades pertencentes ás diversas corporações de *mechanicos* devem fornecer valiosissimos subsidios para o assumpto

Tenho colligido centenas de documentos sob o titulo de *Subsidios para a historia da musica em Portugal*, mas são poucos aquelles que — excepção feita dos organeiros — se referem a constructores de instrumen-

tos musicos. Posso, comtudo, augmentar a sua lista com mais dois violeiros, um do seculo XVI, outro do seculo XVII, que veem formar artisticamente o costado genealogico de Joaquim José Galvão, que exerceu a sua actividade no seculo XVIII, mas que teria passado na onda do esquecimento, se não se houvesse por feliz acaso conservado alguns dos seus bellos artefactos, rubricados com o seu nome e com a data. São para assim dizer o seu epitaphio glorioso, que nos cumpre venerar, embora seja bem omisso e não nos revele mais nenhuma particularidade da sua existencia.

Fala tambem o meu bom amigo n'um constructor portuense, cujo nome vibrou nos meus ouvidos infantis, tendo agora o condão de me fazer recordar saudosamente d'um passado já longinquo. Antonio Ferreira Sanhudo tinha o seu estabelecimento na *Bainharia*, designação bem suggestiva, pois nos dá claramente a entender que ali se arruavam antigamente, segundo o costume medieval, vindo até quasi á extincção da *Casa dos vinte e quatro*, os banheiros e outros officiaes de industrias metallicas. Entre a rua da Bainharia e o largo de S. Domingos, onde se embalou a minha meninice, mediava apenas um traço de união, a ingreme ou pequena calçada de S. Chrispim.

No meu tempo de creança, a rua da Bainharia era uma colmeia industrial, onde mourejavam, nas suas taciturnas officinas, os torneiros de metal, os latoeiros, que fabricavam castiças e candeiros, os lendarios candeiros de tres bicos, tão familiares nas mezas dos estudantes; os guardasoleiros, que armavam os enormes guarda-chuvas de panninho; os violeiros, que produziam em abundancia as populares violas, tão queridas dos camponeses minhotos, que n'ellas dedilhavam os seus descantes acompanhando o *Vira* e a *Canninha Verde*.

N'essa rua estreita e tortuosa, tão rumorejada outr'ora, floresceram tambem as Musas. N'um dos seus esguios predios, onde se achava estabelecida uma drogaria, nasceram os dois irmãos Alexandre e Guilherme Braga, ambos poetas de incontestavel merecimento: o primeiro, auctor das *Vozes d'alma*; o segundo, auctor das *Eras e Violetas*. Outros dois poetas portuenses eram tambem filhos de droguitas: Soares de Passos, o cantor do *Firmamento* e do *Noivado do Sepulchro*; Joaquim Pinto Ribeiro, o primoroso lyrico dos *Espinhos e Flôres* e das *Coróas fluctuantes*. Hoje duvido muito que as drogas ainda gosem o mesmo fatidico influxo de inspiração poetica.

Não sei quem fôsse o mestre de Sanhudo e ignoro da mesma sorte se teve predeces-

sores ou houve no Porto alguma escola notavel de instrumentos de corda.

Em lugar de um violeiro, dar-lhe-hei um feitor de pandeiros do seculo XVI. Desenvolverei esta resenha, fornecendo o nome de um constructor de instrumentos musicos de metal.

Particularisarei agora a breve biographia d'estes quatro artistas, segundo os dados fornecidos pelos documentos que lhes disem respeito:

a) *Diogo Dias* — *violeiro*.

Era morador na cidade de Lisboa e D. João III, por alvará, com força de carta, de 24 de março de 1551, o tomou por seu violeiro, sem mantimento ou ordenado fixo, concedendo-lhe os privilegios de que gosavam os outros officiaes mechanicos a seu serviço. O alvará foi assignado em Almeirim e escripto por João de Castilho, filho do celebrado architecto do mesmo nome. Eis o respectivo documento:

«Eu el-rey faço saber a quantos este meu alvara virem que por fazer mercê a Diogo Diaz, morador na cidade de Lisboa, ey por bem e me apraz de o tomar por meu violeiro, o qual não avera mantimento nem ordenado algum com o dito officio, e gozara de todos privilegios e liberdades de que gozão e direitoamente devem gozar os meus officiaes mechanicos, e ey por bem que lhe sejam dadas casas daluguer na corte quando elle nella andar, as quaes elle paguara a sua custa. Notifico-o asy a todos corregedores, juizes e justiçaes, officiaes e pessoas, a que este alvara for mostrado e o conhecimento delle pertencer e lhes mando que o cumprão e guardem pella maneira que se nelle contem por que asy o ey por bem. E este me praz que valha e tenha força e vigor como se fosse carta feita em meu nome por mym asynada e pasada por minha chancelaria sem embargo da ordenação do segundo livro titulo XX que diz que as cousas cujo effeito ouver de durar mais de hum ano pasen por cartas e passando per aluaras não valhão. Balthesar Fernandez o fez em Almeirim a XXIIIj de março de mill b^olj Johã de Castilho o fez escrever.» (1)

b) *Francisco Gonçalves* — *violeiro*.

Exercia o officio de violeiro em Lisboa, no tempo do dominio hespanhol. Tendo sido eleito pelos officiaes da Casa dos vinte e quatro, alguns dos seus companheiros lhe puzeram embargos, motivo porque teve de recorrer a D. Philippe III, que ordenou que

¹ Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III. *Doações e mercês*, L.^o 66, fl. 171.

elle fôsse admittido, visto *ser capaz, de boa fama e não ter impedimento que o inhabilite para o dito effeito*. O alvará, em que se resolve a questão, é bastante curioso para a historia das corporações mechanicas e por mostrar que havia violeiros arregimentados. E' natural que elles tivessem tambem a sua confraria e, se ainda existirem os livros d'ella, ahi se colherão por certo curiosas noticias sobre a materia que nos interessa. O mesmo direi, e com mais razão por certo, relativamente ao archivo da Casa dos vinte e quatro.

«Eu elRei faço saber aos que este aluara virem que auendo respeito ao que na pitição escrita na outra mea folha atras diz Francisco Gonçalvez, violeiro, morador n'esta cidade, e vistas as informações que se ouueram do licenciado Ambrosio de Siqueira, corregedor do crime na mesma villa, digo cidade, que ouiuo os officiaes da casa dos vinte quatro della sobre o requerimento do dito Francisco Gonçalvez, de que na dita pitição faz menção, e seu parecer, ei por bem e me praz que sendo elle eleito pello seu officio para ir a dita casa seja nella admittido, visto como pelas ditas informações consta ser capaz e de boa fama e não ter impedimento que o inhabilite para o dito effeito nem os officiaes pasados que tambem forão ouuidos darem cauza porque o excluirão de ir a dita casa quando outra vez for eleito, e mando ao conservador que custuma assistir em semelhantes eleições que por atalhar as desordens que os ditos officiaes cometem em reprovarem as pessoas que lhes parecem por não irem a dita casa, fundados em hua prouisão que nella ha pera não darem rasão disso, asista nestas e a elles se lhe dem as causas dos que excluiram pera examinar e uer se são bastantes pera o fazerem, e cumprão e guardem este aluara como se nelle contem, o qual será registado na dita casa dos vinte quatro, e me praz que ualha, tenha força e vigor, posto que o effeito delle aja de durar mais de hum ano, sem embargo da ordenação em contrario. Miguel d'Azevedo o fez em Lisboa a sete de novembro de mil e seiscentos e vinte e cinco. Gaspar da Costa de Mariz o fez escrever». (2)

c) *Adão Pires — pandeireiro.*

Se não fôsse o cadastro policial, como diriamos hoje, a existencia de Adão Pires teria passado completamente despercebida e o seu nome não chegaria até nós.

Em 31 de maio de 1551 que por signal

cahiu ao domingo, um sombreireiro (fabricante de chapéos) Francisco Pires, morador na cidade do Porto, travou-se de razões na praça da Areia, á Ribeira, com Adão Pires, *official de fazer pandeiros*. A desordem foi rija, puxaram-se de espadas e o sombreireiro feriu o seu contendor no dedo medio da mão esquerda, aleijando-o. Por este motivo instaurou-se processo, a justiça querelou do aggressor, mas Adão Pires, que a principio fôra parte, desistiu e el-rei tambem perdoou ao criminoso em carta de 14 de novembro de 1552, a qual é do teor seguinte:

«Dom João & A todollos corregedores ouuidores, officiaes e justiaes, officiaes e pesoas de meus Reinos e Senoryos, a que esta minha carta de perdão for mostrada e o conhecimento della com direito pertencer, saude, façovos saber que Francisco Pirez, sombreireiro, morador na cidade do Porto, me enviou dizer per sua pitição que elle ouvera razões com hum Adão Pirez, official de fazer pandeiros, na dita cidade morador, hum domingo a tarde derradeiro de mayo de quinhentos cinquenta e hum, na praça darea da Ribeira da dita cidade, e arrancarã das espadas e andarã as cutiladas ambos e asy outros que acudirã, de modo que elle sopricante ferira o dito Adão Pirez no dedo do meio da mão esquerda de modo que ficava o dedo mais grosso e delle ficaua meo aleijado por apertar e trabalhar com elle, e se tirara devassa pello caso e estaua nella culpado e bem asy o dito queixoso querelara delle sopricante e tomara carta, e pella parte lhe perdoar e não querer acusalo fora mandado proceder contra elle supricante, pela justiça e se mandava processar feito contra elle sopricante. Enviandome elle sopricante pedir por mercê lhe fizesse mercê de lhe perdoar minha justiça. . . Dada em a minha cidade de Lisboa aos onze dias do mez de novembro e feita aos XIII dias delle. ElRey nosso senhor o mandou pellos doutores João Monteiro, chanceler do mestrado de Nosso Senhor Jhesu Xpo, e Gaspar de Carvalho, ambos do seu conselho e seus desembargadores do paço e pitição. João Godinho o fez per Antonio Godinho ano do nascimento de Nosso Senhor Jhesu xpo de mil b.º cinquenta e dous annos. E eu Antonio Godinho a fiz escrever e subscrevy.» (3)

d) *João Nunes — constructor de instrumentos metallicos.*

Official de latoeiro de fazer trombetas bastardas e sacabuxas. Natural da freguezia

* Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe III, L.º 11, fl. 280.

3 Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III. *Legitimações e perdões*, L.º 20, fl. 230 v.

de S. Vicente de Alcabideche, termo de Cascaes, filho de Pedro Nunes. El-rei o tomou por official do dito officio. Alvará de 16 de junho de 1653. (4)

Eis os apontamentos que sobre o assumpto me é dado fornecer por hoje, na esperança, oxalá não desmentida, de que ainda possa ampliar mais alguma cousa. Bem sei que isto não o satisfará completamente, mas tambem não me satisfizeram, antes me susceptibilisaram, os immerecidos encomios, que a sua excessiva amabilidade se dignou dirigir-me no seu ultimo artigo. E' o caso de dizer: *uma mão lava a outra*. No emtanto, peço-lhe que me continue a crêr

Sempre seu
amigo e admirador sincero

SOUSA VITERBO

s/c 21-XI-1904.

CONCERTOS

O *recital* de Orgão Mustel offerecido á imprensa de Lisboa pelo insigne professor portuense Ernesto Maia abriu, e com chave de ouro, a serie de concertos que assignalaram esta quinzena.

A proposito d'essa festa, que a imprensa lisbonense e os amadores e artistas musicos consagraram com uma consideravel concorrência e com um enthusiasmo pouco vulgar entre nós, não é descabida a apresentação da notavel personalidade musical do sr. Maia, que com raro altruismo e desinteresse não hesitou em deslocar-se da sua residencia e centro dos seus affazeres e interesses para nos vir dar a conhecer um instrumento de portentosos recursos e de encantadora novidade para nós, como é o *orgão expressivo de Mustel*.

Mas essas mostras de desinteresse estão bem no character do eminente artista portuense, que absolutamente desprendido das vantagens lucrativas do *metier*, sabe sacrificar-se como ninguem pelo desenvolvimento e propaganda da sua arte.

Ernesto Maia desde muito novo que cultivava o piano; tinha apenas 12 annos quando começou os seus trabalhos pianisticos sob a direcção do fallecido maestro Miguel Angelo.

Seguiu primeiro a carreira commercial e com bom exito, mas a sua invencivel pai-

xão pela vida artistica levou-o a protelar cargos certos e rendosos, antepo-ndo-lhe as incertezas da profissão musical e o exgotante trabalho da leccionação. Em 1883 seguiu para Paris, afim de aperfeiçoar-se no piano com a notavel pianista e musicographa, Madame Marie Jaell, e d'ahi regressou ao Porto, depois de ter estudado com a alludida professora o seu methodo especial de ensino applicado ás creanças. Desde essa data tem vivido exclusivamente para o professorado da musica no Porto.

Como critico musical tem collaborado em muitos jornaes do paiz e é redactor effectivo do *Diario da Tarde* desde a sua fundação. A *Arte Musical*, nos seus seis annos d'existencia, tem-o tambem contado no numero dos seus mais preciosos e illustres colaboradores.



E' tambem Ernesto Maia membro do Instituto de Coimbra, pela sua constante campanha a favor da introdução do canto coral nas Escolas.

Attrahido pela belleza e aperfeiçoamentos do Orgão Mustel adquiriu em Paris um d'esses instrumentos, indo lá trabalhá-lo na propria casa do fabricante, sob a direcção e conselhos de Alphonse Mustel, Joseph Bizet e Madame Flornoy, como já aqui foi dito precedentemente.

A carta que o primeiro d'esses mestres endereçou a Ernesto Maia ao terminar os seus trabalhos de iniciação merece ser aqui transcripta por muito que pese á intransigente modestia do distincto concertista.

—«Au moment de votre départ, laissez-moi vous dire tout le bien que je pense de

⁴ Torre do Tombo, *Matriculas*, L.º 5, fl. 835.

la façon dont vous avez procédé pour acquérir la science qui caractérise assez spécialement le jeu de l'Orgue Mustel.

Peu d'artistes sont aussi soucieux dans leurs aspirations: peu savent associer tant de choses à la fois, parmi lesquelles l'étude réfléchie et sérieuse, le désir très marqué d'approfondir un art nouveau inhérent à un instrument en quelque sorte nouveau également.

Ainsi qu'un artiste consciencieux doit le faire, vous vous êtes dit qu'il ne suffisait pas d'avoir l'Orgue Mustel, mais qu'il convenait en outre d'en étudier le caractère et le jeu particulier, et ceci étant, vous êtes venu à Paris, chez nous mêmes, au centre de notre Académie d'artistes du Mustel; vous avez bien voulu y suivre mes conseils. ceux de J. Bizet, de G. Flornoy et d'autres encore et vous avez ainsi puisé à la source même les éléments les plus indiscutables d'une science future.

Permettez que je vous en fasse mes compliments les plus sincères.

Les sacrifices que vous venez de faire seront couronnés de succès, car ils ont été faits sciemment et très intelligemment.

Je vous quitte avec regrets, non sans espérer vous revoir à Porto et en vous souhaitant le meilleur retour etc....»

Não nos alongaremos em descrever o primoroso instrumento, pois melhor que ninguém o fez o proprio sr. Maia em dois bellissimos artigos que recentemente publicámos.

A impressão por nós recebida, ao ouvir-o, foi sob certos pontos de vista superior a toda a expectativa.

A amplidão e a elasticidade da sonoridade a delicadeza e formosura de certos timbres, a consideravel variedade dos effeitos e a riqueza expressiva do instrumento não só nos deixaram absolutamente enlevados, mas convenceram-nos que o orgão Mustel conquistou entre as invenções d'arte e em toda a parte onde possa ser apreciado um logar especial que não admitte confusões nem aproximação com qualquer outro instrumento da mesma familia ou indole.

Ernesto Maia, cuja promptidão em assimilar as transcendencias d'execução do harmonium Mustel, pois que data de poucos mezes a sua aprendizagem, teve o condão de nos assombrar nas 9 peças que compuzeram o seu *recital* e que eram intelligentemente escolhidas para fazer resahir as qualidades mais notaveis do instrumento.

De facto, para a boa execução do orgão Mustel, necessita-se não só a virtuosidade de um optimo pianista, mas a maior facilidade

na complicada manobra dos registros, no jogo dos pedaes em que reside todo o segredo das *nuances*, no uso das joelheiras e das *talonnières* de que dependem os variados meios expressivos com que o artista tem de contar.

Pois o conspicuo professor de tudo soube tirar o partido preciso e de tudo fez um uso intelligente e adequado: e se não fôra a deficiente graduação do vento em certos *fortissimos*, em que a intensidade sonora se não mantinha sempre uniforme, supporíamos estar em presença de um mestre abalissado, que tivesse dado ao orgão Mustel longos annos de um trabalho seguido e de uma lenta e paciente preparação.

De resto esse *fortissimo*, quando obtido com o *grand jeu*, é porventura o que menos nos impressiona no instrumento mercê talvez da conjugação dos diversos timbres a darem uma resultante que se nos affigura um tanto nasalada e confusa.

Reparo é este insignificante que em cousa alguma obscurece nem o altissimo valor do instrumento nem a notavel proficiencia do tocador.

Terminando, agradecemos ao sr. Maia a honra que nos concedeu escolhendo o nosso salão para a realização do seu concerto e felicitamol-o pelo exito triumphal com que viu coroados os seus trabalhos.



A 22 recommçou os seus concertos a *Sociedade de Musica de Camara*, com um programma em que figurou o *Quarteto* de Vincent d'Indy, já ouvido na epoca passada e em primeira audição o «*Quinteto*» em fá menor de Cesar Franck.

O professor Ernesto Maia tomou parte em dois duetos de orgão Mustel e piano, *Adagio e Rondó* de Weber e *Preludio, Fuga e Variação* de Cesar Franck sendo bisado o preludio.

Por instantes sollicitações do publico, tambem o sr. Maia tocou varias peças a solo no seu encantador harmonium.



Em 25 vestiu-se de gala o theatro de D. Amelia para receber o incomparavel, o phenomeno Kubelik, no seu primeiro concerto.

Não são exagerados os adjectivos. Jan Kubelik é a nosso ver, um verdadeiro phenomeno e estamos em crer que não haverá nenhum outro que se lhe assemelhe em todo o mundo musical da actualidade.

A virtuosidade de Kubelik, os seus extraordinarios recursos de mecanismo, que tocam por vezes as raias do inacreditavel,

causaram nos admiração sem reservas, diríamos quasi espanto.

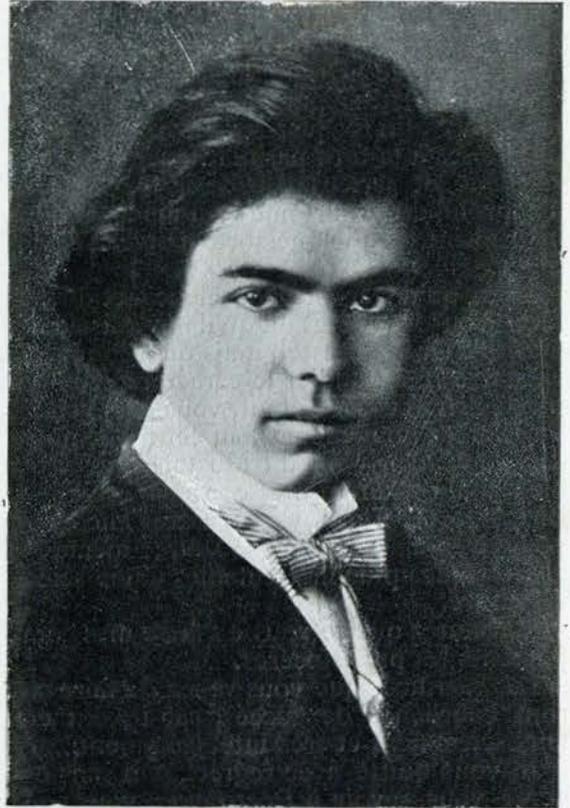
E na verdade é espantosa a facilidade com que o joven artista tcheque affronta certos passos do mais perigoso acrobatismo e d'elles se sae sempre triumphante.

A par d'isso, tem o condão de seduzir. Nem sempre o de commover e, em nossa humilde opinião, falta-lhe talvez aquella consciencia artistica, aquella musicalidade que temos admirado em outros luminares da arte e que é apanagio de raras organizações d'eleição.

No concerto de Max-Bruch tivemos bem nitida essa impressão. No de Paganini já o nosso espirito tomou outro caminho bem differente e fluctuou, hesitante e confuso, entre a ingente admiração pela milagrosa technica de Kubelik e a repugnancia em acceitar uma obra que não hesitamos em classificar de monstruosa e anti-musical.

Sim, a litteratura de Paganini é para nós, no violino, o mesmo que pode ser no piano o espalhafatoso e ôco *verbiage* dos Prudent, dos Thalberg, dos Gottschalk e quejandos.

Jogos malabares que só servem para *épater* o bom do publico, mas que o pervertem, afastando-o do verdadeiro trilho da Arte e deslustrando ao mesmo tempo o artista que d'elles se vale para triumphar.



Está n'esse caso o famoso *Concerto*; está n'esse caso o *Nel cor più non mi sento*, do mesmo Paganini, que o excepcional violinista tocou fora do programma, com varias outras peças. Estão mesmo n'esse caso algumas das obras que lhe ouvimos n'essa noute de estreia.

Mas, já o dissemos, Jan Kubelik consegue por vezes, alem d'isso e apesar d'isso, encantar-nos e subjugar-nos com a nobreza do seu estylo e com a admiravel sonoridade do seu lindo *Stradivarius*. E' então que resgata nobremente a infantilidade, aliás sublime, do seu acrobatismo violinistico.

No *Rêve du soir* de Schumann, *Berceuse* de Cesar Cui e *Sérénade* de Durdla, peças que não estavam programadas, mas em que o grande concertista se fez ouvir com uma adoravel condescendencia, deu-nos bem essa nota sympathica e talvez para muitos inespérada.

E' portanto, como se vê, um artista de complexos recursos e tão moço que tudo nos auctorisa a crêr que mais tarde haja de recusar o concurso das suas raras e tão geniaes qualidades de *virtuose* á exhibição de obras insipidas e deprimentes como as que acima deixamos apontadas.

Uma solista de piano, *mademoiselle* Adeline Bailet, primeiro premio do Conservatorio Paris, teve tambem occasião de apresentar-se n'este concerto.

Fazer-se applaudir ao lado do colossal rebequista já é um bom *tour de force* que Adeline Bailet soube vencer.

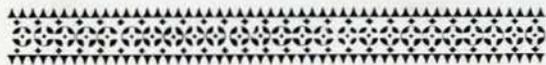
Não é porém artista para suscitar grandes enthusiasmos; é um tanto fria no dizer e pouco enérgica nos momentos culminantes da execução.

Falta-lhe positivamente o temperamento; mas mostrou-se correctissima em tudo o que interpretou e imprimiu um sentimento justo e sobrio em muitas das phrases que teve de traduzir.

No capitulo — piano — é preciso tambem citar o acompanhador de Kubelik, o sr. Luiz Schwab, que se desempenhou admiravelmente da sua missão.



A apreciação dos concertos de 27 e 30, segunda e terceira apresentação do violinista Kubelik no theatro D. Amelia, não pôde ter logar n'este numero, em vista da necessidade de encetar com a precisa antecedencia o trabalho typographico da revista.



Julia dos Anjos Carreira

Uma das missões mais bellas do jornalismo artistico é destacar criteriosamente e sem paixão d'entre o *mare magnum* dos inuteis e dos ociosos aquellas personalidades d'eleição, que na vida vão traçando em trillo nitido e pondo honestamente as proprias aptidões ao serviço das causas boas, d'aquellas que podem beneficiar o maior numero.

Na arte da musica, que é como elemento educativo um dos factores mais interessantes da vida d'um povo, dá-se entre nós ha tempos o facto singular e raro de repudiarmos tudo o que tiver o sello patrio e só admittirmos, como genuino e são, o artigo importado, cujo nome e qualidades nos tenham sido sonoramente apregoados pelas mil tubas... do réclame.

Sem insistir na apreciação d'esse caso, talvez sintomatico de uma triste decadencia, confessamos sentir verdadeiro jubilo em relembrar, de tanto em tanto, o nome de algum artista portuguez, que, pelo talento e

devoção á grande causa da Arte, mereça não ser esquecido.

Está n'esse caso a notabilissima pianista e



professora, cujo retrato acompanha estas linhas.

Julia Carreira tem consagrado toda a sua mocidade quasi exclusivamente ao serviço da nossa encantadora Arte. Os estudos musicaes, que seguiu sob a direcção auctorizada e firme de Francisco Bahia, foram coroados das melhores provas e tanto os seus exames officiaes como o concurso ultimamente effectuado no Conservatorio e em que executou de uma forma inolvidavel a transcendente Sonata em *si menor* de Chopin, attestaram publicamente a sua elevada intelligencia artistica e as condições, singularmente valiosas, do seu talento.

Hoje, é D. Julia Carreira uma das professoras que mais deve ser recommendada para preparar uma boa educação artistica. Era portanto inadiavel dever nosso chamar para esta interessante individualidade a attenção dos que benevolamente nos leem.

SCHAUNARD.



CRITICAS LITTERARIAS

VI

Algumas palavras sobre o theatro antigo da India.

(Continuado do n.º 138)

ACTO III — Principia por um prologo dando noticia como o rei poz em fuga os demónios Raksasas. Entra o rei, pensativo e triste; vendo-se no seu olhar a paixão que o

devora! Encontra-se com Çakuntalá, havendo um dialogo admiravelmente trabalhado cheio de amor, traduzindo cada phrase um sentimento novo, cheio de poesia, cuja linguagem sempre leve, torna este dialogo uma pagina notavel do drama.

Quando Çakuntalá e o rei se entretinham n'este enlevo amoroso, chega repentinamente a mãe adoptiva de Çakuntalá; o rei fica só, muito triste, mas com o coração cheio de esperanças

ACTO IV — Secretamente realisa-se o casamento do rei com Çakuntalá, segundo o rito das Gandharvas, casamento perfeitamente legitimo segundo as leis de Manú (1). O rei retira-se dizendo que a mandaria chamar muito breve para a sua côrte

Çakuntalá, cheia de tristeza, vive apenas pensando no seu amado, sempre cheia de saudades!

Chega um asceta; bate á porta de Çakuntalá repetidas vezes, e como Çakuntalá não ouvisse, o asceta cheio de cólera roga uma praga dizendo: *Dusyanta esquecerá o casamento com Çakuntalá, não a reconhecerá quando a vir, só se ella lhe mostrar um anel!!*

As amigas de Çakuntalá tranquillizam-se quando pensam que Dusyanta dera um anel a Çakuntalá.

Chega Kauva, o santo eremita que andava de viagem, e ficando ao facto da situação envia Çakuntalá para a côrte do rei Dusyanta.

O santo eremita diz: *«O meu coração está triste ao pensar que Çakuntalá vae hoje partir, minha garganta está suffocada com lagrimas, a minha vista está turva com melancholia»*.

.....
«As arvores companheiras da sua casa da floresta deixem agora Çakuntalá partir!»

Ouvem se no ar as seguintes saudações:
«Que a tua jornada seja auspiciosa, possa a brisa branda e suave refrescar as tuas faces».

ACTO V — Çakuntalá apparece a seu marido. E' um dos melhores actos do drama. O rei não a reconhece!! Çakuntalá recorda-lhe do anel que lhe dera, descreve-lhe em uma linguagem simples os doces momentos que passaram juntos, os floridos logares por onde passearam... mas nada convence Dusyanta que esta mulher que tem alli seja a sua legitima esposa!! Então Çakuntalá vae mostrar o anel, quando repara que já não o tem!!!

¹ Este codigo é muito curioso, tem 2685 paragraphos em 2 livros, os ritos do casamento estão nos livros III e IV.

Desapparecem os ultimos lampejos de esperança. Em um *relampago* Çakuntalá é levada ao ceu por agentes celestes.

ACTO VI — E' um pequeno quadro. Vê-se um pescador levado á força por uns guardas por estar de posse de um anel com sinete real que elle assegura ter encontrado dentro de um peixe.

O rei manda-o soltar e recompensa-o generosamente pelo seu achado; Chega uma nympha celeste que vem espionar que vida leva Dusyanta; este está triste pensando em Çakuntalá e olhando sempre para o anel! Chega Mâtali conductor do carro do deus Indra, que vem do mando do seu senhor, para pedir a Dusyanta auxilio para vencer os demonios.

ACTO VII — Vê-se Dusyanta levado no carro de Indra para as montanhas dos Gandharvas. Alli encontra-se com um rapazinho a brincar com um pequeno leão, toma a creança pela mão e diz-lhe umas palavras amáveis e cheias de carinho, reconhecendo n'aquella creança o fructo dos seus amores com Çakuntalá. D'ahi a pouco encontra-se com ella reconhecendo-a e dizendo *«A minha gloria é o teu fiel amor»*.

Assim termina o drama. Apesar d'esta obra, ser uma das melhores peças do theatro antigo da India, tem grandes defeitos; a grande falta de acção prejudica-a muito, embora seja repassada de delicados sentimentos.

O drama *Vikramôrvaçi* é igualmente do distincto escriptor indiano Kalidasa não tendo o valor do antecedente. N'este drama tem um papel importante a nympha celeste *Urvaci*.

O rei Purûravas ouvindo dizer que a sua companheira tinha sido levada pelos demonios, parte no seu carro para a livrar. Purûravas ao encontrar-se com Urvaci fica encantado de tanta belleza, e a nympha apaixonada pelo seu libertador.

Indra manda chamar Urvaci, e os amantes são obrigados a separarem-se!

No acto segundo o rei passeia pelos jardins, desconsolado, apparecendo-lhe por uns curtos momentos Urvaci; entrega-lhe uma carta em que está a sua confissão, mas infelizmente esta carta é apanhada pela rainha!

No acto seguinte Urvaci representa uma peça perante Indra e quando lhe perguntam em quem pensa o seu coração a nympha responde logo: *«Amo Purûravas!!»* quando devia dizer: *«Amo Purushottama»*. Urvaci é amaldiçoada por Bharata mas perdoada por Indra que lhe diz: Quando eu vir um successor casará com Purûravas.

O quarto acto é verdadeiramente lyrico.

Os amantes passeiam perto da montanha divina Kaitosa, quando Urvaçi cheia de ciúmes entra na gruta do deus da guerra, o que era prohibido ás mulheres. Em virtude da maldição de Bharata é transformada em uma planta.

O pobre Purûravas pede aos insectos, ás aves e até ao cume de uma montanha que lhe digam onde está Urvaçi.

Afinal parece-lhe que a viu n'um regato de uma montanha; finalmente sob a influencia de uma pedra magica apparece-lhe Urvaçi nos seus braços! Urvaçi dá á luz em segredo um filho de Purûravas, por conseguinte tem que voltar para o ceu; porém Indra em recompensa dos serviços do rei contra os demonios diz que a nympha Urvaçi viva para sempre com o seu querido amante. A acção n'este drama é nulla, principalmente na scena em que Urvaçi é transformada em planta, o monologo do rei é fastidioso. Mas é mister notar que a parte do lyrismo é notavel, e era uma das condições para cahir no agrado do auditorio.

Novembro, 904.

(Continua)

JOÃO DERSTAL.


 NOTICIARIO 

 DO PAIZ

Por ordem do ministerio da guerra ficou demorado em Lisboa, por tempo indeterminado, o mestre de musica e eximio executante de cornetim, o sr. João Lopes, ha pouco promovido a mestre de banda de infantaria 25 (Angra do Heroismo), ficando á fazer serviço na banda da Guarda Municipal de Lisboa, conjunctamente com o maestro Taborda.

Foi uma resolução por todos os motivos sympathica.

Regressou a Lisboa o illustre professor Oscar da Silva, afim de retomar a sua habitual leccionação.

Agradecemos-lhe a visita com que honrou esta casa.

A 12 do proximo mez de dezembro realisa o sympathico e distinctissimo professor D. Andres Goñi, uma brilhante festa artistica no Salão do Conservatorio.

Além da valiosa cooperação de Alexandre Rey Colaço, que tocará a solo algumas obras dará o maestro Goñi a primeira audição do celebre *Octeto* em lá maior, op. 3, de Svendsen, para 4 violinos, 2 violetas e 2 violoncellos, estando encarregados da respectiva interpretação o proprio sr. Goñi com os

seus talentosos discipulos D. Luiza Campos, D. Eugenia Crespo, D. Camilla Casaes de la Rosa, Carlos Estevão de Sá e Ivo da Cunha e Silva, bem como os notaveis professores João E. da Cunha e Silva e Augusto de Moraes Palmeiro.

Estamos convencidos que a audição d'esta magnifica obra despertará o maior interesse entre os nossos amadores de boa musica; é um numero de admiravel effeito e que tem realmente serias difficuldades d'execução.

Além d'isso tambem o illustre professor hespanhol dará a conhecer a *Suite de concerto* em sol menor, op. 180, de Joachim Raff, para violino com acompanhamento de orchestra.

A orchestra da *Real Academia de Amadores*, não só fará esse acompanhamento, mas executará diversas obras escolhidas, constando-nos tambem que uma das nossas mais distinctas cantoras-abrilhantará egualmente esta optima festa d'arte, que recomendamos calorosamente aos nossos leitores.

Organisou-se em Coimbra um quarteto de musica de camara, composto de optimos elementos — no piano o sr. Theophilo Russell, no violino o sr. Plinio Martins, na violeta o sr. Ribeiro Alves e no violoncello o nosso querido amigo e distincto professor, dr. Simões Barbas.

Para o professor Joaquim Antonio Martins, um dos nossos primeiros concertistas de cornetim, solista da banda da Guarda Municipal, e que tanto se evidenciou entre nós na execução do famoso septuor de Saint-Saens -- A' la Trompette -- acaba de chegar um cornetim «Conn-queror» fabricado pela casa C. G. Conn, de Indiana (Estados Unidos da America), o qual, póde bem dizer-se, é uma maravilha em acabamento, afinação e qualidade de som.

O cornetim «Conn-queror», cuja construção assenta sobre os mais minuciosos principios scientificos, é do systema transpositor, está em *si bemol* e muda para o tom de *lá* sem o addicionamento de tubos ou roscas.

O celebre concertista Herbert L. Clarke, cornetim solo da banda de John Philipp de Sousa, uma das primeiras da America do Norte, aconselha a todos os tocadores de cornetim o uso do «Conn-queror», o qual, a par de importantes melhoramentos, economisa 75 por cento no emprego da columna d'ar.

A convite do sr. Cardeal Patriarcha e sob a sua presidencia reuniram-se os principaes

musicos e capellães cantores da Sé, bem como os representantes de diversos institutos religiosos, afim de se occuparem da introdução do canto gregoriano nas ceremonias religiosas.

Foi convidado um padre italiano, o Rev. Padre Eusebio a occupar-se da organização do seu ensino, de maneira a satisfazer cabalmente as prescrições do *motu proprio* recentemente promulgado pelo Papa Pio X.

O nosso estabelecimento musical está procedendo á aquisição de todo o material necessario ao referido ensino e á divulgação das obras mais interessantes n'este genero de musica.

Encontra-se em Lisboa o sr. Joaquim de Vasconcellos, um dos nossos mais conspicuos e auctorizados criticos d arte, auctor de um *Diccionario de Musicos Portuguezes* e de outras obras historico-musicas do mais alto interesse e valor.

Breve regressará ao Porto, onde habitualmente reside.

Está no prelo a edição provisoria do catalogo que o maestro Alfredo Keil acaba de organizar, referente á sua bellissima collecção de instrumentos antigos.

O catalogo definitivo será publicado mais tarde e conterá grande numero de gravuras reproduzindo os specimens mais curiosos e raros que se encontram n'esta preciosa collecção.

O segundo concerto que n'esta epoca organisa a *Sociedade de Musica de Camara*, realisa-se a 11 do proximo mez com as seguintes obras: — *Quinteto* de clarinete de Mozart, sendo a parte de clarinete desempenhada pelo distincto professor Severo da Silva — *Sonata* de violino e piano de Saint-Saëns e *Quinteto* do mesmo auctor.

A parte de piano n'estas duas ultimas obras é confiada á illustre pianista, a senhora D. Ernestina Freixo.

Consta-nos que por iniciativa do illustre e diligente maestro Alberto Sarti se vae fundar em Lisboa uma *Scola cantorum* á semelhança das que ha em Paris e Bruxellas e que tem por principal intuito a divulgação da musica coral, nas suas obras de mais interesse e importancia.

E' intenção do esforçado professor agrupar as melhores amadoras e amadores de canto, afim de organizar 4 concertos annuaes de musica religiosa, e fazer ouvir as mais celebres oratorias não só do repertorio classico, como as que modernamente se tem escripto.

Uma das disposições que terá jús ao applauso de todos é a da fundação de uma aula gratuita de canto theatral, afim de se aproveitarem vozes e aptidões de individuos que por falta de recursos não poderiam lançar mão do ensino particular.

Brevemente publicaremos as condicções de admissão e mais promenores sobre a realisação de tão sympathica ideia.

Os concertos da orchestra Chevillard no theatro D. Amelia terão logar a 10 e 12 do proximo mez de Abril.

DO ESTRANGEIRO

Quando já estava na machina o numero anterior, recebiamos do nosso amavel correspondente em Leipzig um punhado de noticias musicas, cuja reprodução, ainda que um tanto tardia, não deixará de interessar aos nossos benevolos leitores.

Diz o nosso sollicito amigo:

— Em primeiro logar fallar-lhe-hei no segundo *Philharmonisches Concert* d'esta cidade, onde mais uma vez pude assistir ao brilhante successo e ás entusiasticas acclamações com que Mademoiselle Guilhermina Suggia foi recebida.

Constou o programma na parte orchestral da 8.^a symphonia de Beethoven e Serénade para instrumental de vento de Richard Strauss.

Guilhermina Suggia tocou com acompanhamento d'orchestra o concerto de Dvôrak e com piano a Romance de Svendsen e a Tarantella de Piatti. Foi tão delirantemente applaudida que teve de tocar mais duas peças além do programma: a Fileuse de Popper e a Serénade de Victor Herbert, que lhe valeram mais uma entusiastica ovação.

Os criticos musicas são unanimes nas suas apreciações admirativas de tão grande talento.

— Tem feito tambem furôr um violinista russo de 12 annos, Misèha Elmann que ultimamente se apresentou em 2 concertos publicos e possui uma technica absolutamente phenomenal.

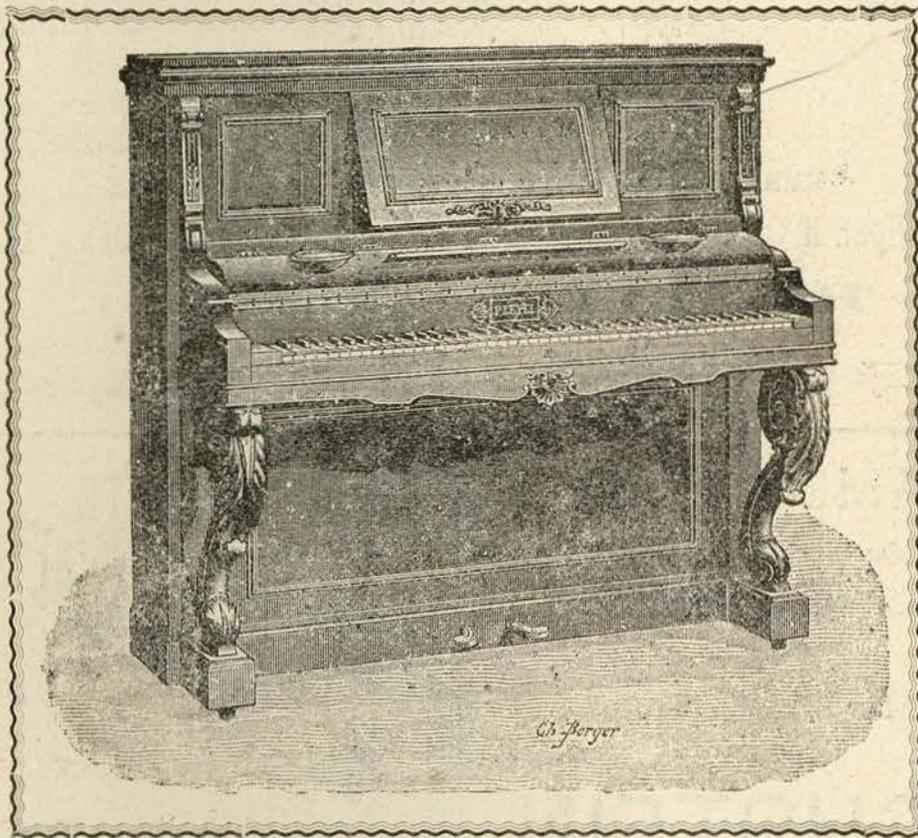
— No theatro de Magdeburgo, consta, será posta em scena em allemão pela primeira vez o *Sigurd* de Reyer, cujo libretto se baseia, como é notorio, no mesmo assumpto do *Annel dos Niebelungen* de R. Wagner.

— A orchestra Lamoureux, sob a regencia de Camille Chevillard, tambem deu aqui cinco concertos com muito agrado.

— Chegaram a esta cidade os nossos compatriotas David de Sousa e Hernani Torres, que, conforme a *Arte* noticiou, foram subsidiados pelo governo portuguez para estudar em Leipzig.

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

AUGUSTO D'AQUINO
Agencia Internacional de Expedições
SUCCURSAL DA CASA
CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen
» » » Anvers » » Carl Lassen
» » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correiros, 92, 1.º

LAMBERTINI

Fornecedor da Casa Real

UNICO DEPOSITARIO

DOS

CELEBRES PIANOS

DE

BECHSTEIN

LISBOA ELEGANTE

Casa especial de
gravatas, colla-
rinhos e pu-
nhos.

M. C. ALVES

NOVIDADES
DE

LONDRES E PARIS

15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

A. ALABERN

OFFICINAS DE

Photogravura e Zincographia

TERRAS DO MONTE

PATEO NARCISA

TRIDIGESINA LOPES

Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avancadas.

PHARMACIA CENTRAL

De F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110 = Lisboa

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou em ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, mecanismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

LEITURA MUSICAL POR ASSIGNATURA

ALUGUEL DE MUSICA POR 500 RÉIS MENSAES

A casa Lambertini, suppondo prestar um verdadeiro serviço á Arte Musical e aos seus cultores, teve a honra de introduzir em Portugal o *Aluguel de Musica*, pelo systema ja de ha muito adoptado nas grandes casas estrangeiras da especialidade e apenas com uma differença — a de ser muito mais economico que lá fóra.

Ao principio, o systema não foi comprehendido por todos e houve hesitações em aceitar a nossa *Leitura Musical*, como uma distracção e um passatempo interessantissimos e como o unico meio de formar uma boa educação artistica.

Triumphou finalmente dos velhos habitos e rotinas, a boa orientação artistica dos nossos principaes amadores, e finalmente se comprehenderam todas as vantagens que podem advir de uma leitura constante das melhores obras musicas em todos os generos, já pela facilidade de tocar á primeira vista, já pelo estudo dos grandes mestres, já pela analyse das diversas escolas, já finalmente, pela deliciosa distracção que isso proporciona aos que amam a divina Arte dos Mozart e dos Beethoven.

Pecam-se os catalogos e supplementos

LAMBERTINI

45, 44, 43, P. Restauradores, 47, 48, 49

ARTE MUSICAL

Compram-se os n.ºs 1, 2, 6, 9, 11, 40, 42, 56, 57 e 59 da presente publicação.

Diz-se n'esta redacção.

44, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 44

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua das Pretas, 23</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e órgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluç, 5, 3.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>Rua dos Poyaes S. Bento, 71, 2.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julietta Hirsch , professora de canto <i>Rua Raphael d'Andrade, R. G., 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 5 r/c</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Paulo Navone , prof. de harpa e violoncello, <i>Praça da Batalha, 115, PORTO</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte)...	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA